

## A INFLUÊNCIA DO JORNAL CORREIO DA MANHÃ SOBRE O GOLPE DE 1964

Rodrigues, Thalyta<sup>1</sup>, Cardoso, Gilmar<sup>2</sup>  
Costa, Dário<sup>3</sup>

### Resumo

O ano de 1964 foi um ano emblemático e marcante na História política brasileira, a experiência do golpe militar, sem dúvidas, foi um dos momentos mais negros retratados na historiografia brasileira. Os historiadores costumam destacar a atuação do movimento operário antes do golpe. Nossa comunicação tem como objetivo de analisar as representações das greves operárias no Jornal correio da manhã no ano de 1964 antes do golpe, e problematizar qual era o enunciado criado pela Mídia carioca no contexto que antecedeu a Ditadura Militar no Brasil. Neste sentido a escolha da imprensa escrita como fonte está relacionado ao fato de que no século XX os órgãos de comunicação tornaram-se também órgãos de poder, ao recriarem a sua maneira a realidade influenciando os leitores a partir de suas ideologias, representações simbólicas e seus interesses político-econômicos, não esquecendo que no Brasil historicamente, os meios de comunicação estão concentrados nas mãos de uma pequena elite, o jornal Correio da manhã não era exceção neste sentido, identificava-se com a classe média do Rio de Janeiro e apresentava muitas vezes aos leitores textos de forte carga emocional da elite. Fundado por um advogado idealista chamado Paulo Bittencourt, que em agosto de 1963 morreu, assumindo o jornal sua segunda mulher, Niomar Moniz Sodré Bittencourt. Mesmo com a mudança na direção do matutino, o Correio da Manhã manteve uma linha editorial de enfática oposição a Jango, e neste sentido publicando editoriais favoráveis aos militares.

Nosso objeto de pesquisa são as reportagens e charges feitas pelo Jornal, em torno das greves, no qual interrogaremos buscando reconstruir as representações criadas pelo jornal. Que desempenhou um papel informativo e ao mesmo tempo ideológico, partindo do princípio da objetividade e a ideia da representação do real, mas utiliza destes mecanismos que lhes garantem confiabilidade e legitimidade para influenciar os leitores ao seu ponto de interesse.

**Palavras-chave:** Greve. Representações. Política.

<sup>1</sup>Acadêmica no 6º período do Curso de Licenciatura Plena em História na UEG – Câmpus Goianésia, thalyta.lpg@hotmail.com.

<sup>2</sup>Acadêmica no 6º período do Curso de Licenciatura Plena em História na UEG – Câmpus Goianésia, gilmaralvescardoso@gmail.com.

<sup>3</sup>Docente nos cursos de Administração, História e Pedagogia e Coordenador Adjunto de TC em Administração da UEG - Câmpus Goianésia., Mestrando do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado da Universidade Estadual de Goiás (Teccer-UEG). [dariogyn@terra.com.br](mailto:dariogyn@terra.com.br)

## Introdução

A pesquisa justifica-se pela trajetória das representações grevistas no Correio da Manhã: o jornal estava entre os mais importantes impressos do Rio de Janeiro no período. Por essa gama de informações a serem extraídas das páginas dos jornais, ao recorrermos aos periódicos deparamos com diversas informações a respeito de assuntos políticos e principalmente com relação aos movimentos dos grevistas.

## Metodologia

Em nosso trabalho faremos uso da análise de periódicos do Jornal Correio da Manhã para compreender os movimentos grevistas no Rio de Janeiro no ano de 1964. Assim analisar os editoriais significa trabalhar com o espaço próprio do jornal em que ele se posiciona explicitamente na cena política e como ele se coloca publicamente defendendo determinadas posições ou pontos de vista. Sobre a escolha dos editoriais como objeto de análise percebemos que eles costumam condensar os múltiplos interesses dos jornais, em geral espalhadas na escolha da capa, das manchetes das imagens e das afirmações destacadas, a análise dos editoriais serve, portanto, aos objetivos da pesquisa, pois permite que se percebam com clareza os interesses do jornal.

## Resultados e Discussões

A pesar de já existir na década de 1930 uma discussão sobre a concepção de impressos como fontes historiográficas na Escola dos *Annales*, não se visualizou resultado imediato, os jornais eram vistos como partes fragmentadas do presente repletas de interesses e paixões, neste sentido seria nulo como documento, pois, não se pode esquecer que, embora o jornal nos forneça informações importantes a cerca dos fatos e especialmente a nós informações políticas a cerca do movimento operário no ano de 1964, o jornal faz da realidade a partir das suas próprias notícias e reportagens para fundamentar as suas opiniões, assim analisar os editoriais significa trabalhar com o espaço próprio do jornal em que ele se posiciona explicitamente na cena política e se coloca publicamente defendendo determinadas posições ou pontos de vista, como empresa privada e instituição social simultaneamente..

“[...] A grande variação na aparência, resultada interação entre métodos de impressão disponível num dado momento e o lugar social ocupado pelos periódicos. É importante estar alerta para os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes, que nada têm de natural. Historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê. É obvio que as máquinas velozes que

<sup>1</sup>Acadêmica no 6º período do Curso de Licenciatura Plena em História na UEG – Câmpus Goianésia, thalyta.lpg@hotmail.com.

<sup>2</sup>Acadêmica no 6º período do Curso de Licenciatura Plena em História na UEG – Câmpus Goianésia, gilmaralvescardoso@gmail.com.

<sup>3</sup>Docente nos cursos de Administração, História e Pedagogia e Coordenador Adjunto de TC em Administração da UEG - Câmpus Goianésia., Mestrando do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado da Universidade Estadual de Goiás (Teccer-UEG). [dariogyn@terra.com.br](mailto:dariogyn@terra.com.br)

rodavam os grandes jornais diários do início do século XX não eram as mesmas utilizadas pela militância operária, o que conduz a outro aspecto do problema: as funções sócias desses impressos.”  
(PINSKY. 2010 pág.132, 133).

O campo da História na década de 1970 começa a passar por mudanças significativas, vistas nos títulos de trabalhos e na preocupação evidenciada dos historiadores por renovação temática. Assim o jornal como fonte documental ganha credibilidade, pois já se fazia jus a micro história a história oral, e neste âmbito já não era amparado o discurso de que a imprensa não poderia fornecer informações utilizáveis. Neste âmbito a discussão se faz no sentido de como utilizar esta fonte. Ao lançar o primeiro olhar sobre a fonte histórica neste caso os periódicos (jornais), surgem às indagações: Qual classe tinha o acesso a essa leitura? Como foi feita a própria impressão? Qual o seu discurso político ideológico? Pretendemos buscar elementos na imprensa escrita para mapear tensões internas sofridas pelos Grevistas, taxados pelos meios de comunicação como baderneiros, “Tratava-se de uma greve geral de protesto, dirigida na aparência, contra o custo de vida, mas que na realidade, pretendia paralisar toda a vida do grande Estado e provocar colapso nos transportes” (Jornal Correio da manhã, 1964,04 de Janeiro p.05). Historicizar a fonte requer ter em conta as condições técnicas de produção vigentes e averiguações, dentre tudo, o que se dispunha do que foi escolhido e porque, bem como os fatos históricos do momento. Por essa gama de informações a serem extraídas das páginas dos jornais, ao recorrermos aos periódicos deparamos com diversas informações a respeito de assuntos políticos e principalmente com relação aos movimentos dos grevistas.

A escolha da imprensa escrita como fonte este relacionado ao fato de que no século XX os órgãos de comunicações tornaram-se também órgãos de poder, ao recriarem a sua maneira a realidade influenciando os seus leitores a partir de suas ideologias, representações simbólicas e seus interesses político-econômicos. . Para além de serem empresas privadas, os interesses desses órgãos não são estritamente financeiros: procuram representar valores ou interesses de setores da sociedade. Ao recriarem a realidade à sua maneira – como produto de uma articulação entre sua ideologia, suas representações simbólicas, seus interesses político-econômicos imediatos e sua constante tentativa de formulação e delimitação da agenda de debates públicos –, os órgãos de comunicação tentam exercer o seu poder de influência sobre os leitores.

“Os jornais desempenham um papel” informativo e ao mesmo tempo ideológico, pois têm como princípios a objetividade e a idéia de representação do real, mas se utilizam desses mecanismos que lhe garantem confiabilidade e legitimidade para representar o real à luz dos seus interesses fazendo, com que se tornem “instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social” (CAPELATO; PRADO, 1980: 19).

<sup>1</sup>Acadêmica no 6º período do Curso de Licenciatura Plena em História na UEG – Câmpus Goianésia, thalyta.lpg@hotmail.com.

<sup>2</sup>Acadêmica no 6º período do Curso de Licenciatura Plena em História na UEG – Câmpus Goianésia, gilmaralvescardoso@gmail.com.

<sup>3</sup>Docente nos cursos de Administração, História e Pedagogia e Coordenador Adjunto de TC em Administração da UEG - Câmpus Goianésia., Mestrando do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado da Universidade Estadual de Goiás (Teccer-UEG). [dariogyn@terra.com.br](mailto:dariogyn@terra.com.br)

Em suma percebemos que os editoriais do Jornal Correio da Manhã costumavam condensar os múltiplos interesses dos jornais, em geral espalhadas na escolha da capa, das manchetes das imagens e das afirmações destacadas. A análise dos editoriais serve, portanto, aos objetivos da pesquisa, pois permite que se percebam com clareza os interesses do jornal, não esquecendo que no Brasil historicamente, os meios de comunicação estão concentrados nas mãos de pequenas famílias, o jornal neste sentido, identificava-se com a classe média do Rio de Janeiro e apresentava muitas vezes aos leitores textos de forte carga emocional. O estilo peculiar fazia com que o leitor imaginasse participação nos grandes acontecimentos políticos.

Fundado por Edmundo Bittencourt em 1901, o Correio tinha cerca de 500 funcionários naquela época. Paulo Bittencourt, filho de Edmundo, assumiu o Jornal após a morte de seu pai Edmundo, e mais tarde, em agosto de 1963, morreu em Estocolmo, na Suécia, passando assim o poder do Jornal a sua segunda mulher Niomar Moniz Sodré Bittencourt. Mesmo com a mudança na direção do matutino, o Correio da Manhã manteve uma linha editorial de enfática oposição a Jango. Publicou os famosos editoriais “Basta!” e “Fora!” em 31 de março e 1º de abril de 1964, defendendo a deposição imediata do presidente e saudou em seguida a vitória dos militares. E é considerado hoje um dos mais importantes jornais brasileiros do século XX, observando que o Jornal Correio da manhã nos seus melhores momentos, as tiragens diárias foram superiores a 200 mil exemplares, legitimando a afirmação de que continha aceitabilidade e credibilidade da população no Rio de Janeiro.

## **Considerações Finais**

Por todos os motivos expostos, consideramos que os principais órgãos de comunicação da imprensa escrita da época são fontes privilegiadas para a investigação, pois podem explicitar o papel da imprensa na representação de si e da ditadura militar, além de contribuir para a compreensão dos interesses e conflitos que estavam em questão entre varias perspectiva das classes liberais em torno do regime. Sendo assim, a imprensa como fonte de pesquisa não pode ser aquela isolada da realidade social da qual esta inserida, mas ela representa, fundamentalmente, um instrumento de manipulação e intervenção na vida da sociedade. O discurso jornalístico, como já referenciado, obedece às regras históricas e é resultado de uma posição sócio histórica, na qual os enunciadores se revelam substituíveis e o conteúdo apresentado está ligado ao seu tempo. Os discursos construídos pelos jornais estão balizados pelo contexto em que foram criados. Sabe-se então que o jornalismo encontra-se permanentemente no ponto de encontro ou desencontro dos interesses de estado, das manipulações políticas e da luta pelo poder, ou seja, por vezes afina-se com os interesses do estado, em outras lhe faz oposição. Os posicionamentos assumidos pelos jornais implicam correr riscos patrimoniais e pessoais, por vezes fatais.

<sup>1</sup>Acadêmica no 6º período do Curso de Licenciatura Plena em História na UEG – Câmpus Goianésia, thalyta.lpg@hotmail.com.

<sup>2</sup>Acadêmica no 6º período do Curso de Licenciatura Plena em História na UEG – Câmpus Goianésia, gilmaralvescardoso@gmail.com.

<sup>3</sup>Docente nos cursos de Administração, História e Pedagogia e Coordenador Adjunto de TC em Administração da UEG - Câmpus Goianésia., Mestrando do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado da Universidade Estadual de Goiás (Teccer-UEG). [dariogyn@terra.com.br](mailto:dariogyn@terra.com.br)

Por isso acreditamos que o estudo da imprensa como fonte histórica é um manancial de saber a ser trabalhado tanto por nós pesquisadores como nos bancos escolares desde pequenas tarefas, para que o aluno tenha um embasamento e com isso crie, interesse por pesquisas e principalmente perceber a importância das fontes primárias para reconstrução da história social, econômica e política.

## Referências

CAPELATO, Maria Helena Rolim. “Os intérpretes das luzes” – liberalismo e imprensa escrita paulista: 1920 – 1945. Doutorado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1986.

PRADO, Maria Lígia Coelho. O bravo matutino. Imprensa e ideologia: o jornal O Estado de S. Paulo. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.

PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2010.

<sup>1</sup>Acadêmica no 6º período do Curso de Licenciatura Plena em História na UEG – Câmpus Goianésia, thalyta.lpg@hotmail.com.

<sup>2</sup>Acadêmica no 6º período do Curso de Licenciatura Plena em História na UEG – Câmpus Goianésia, gilmaralvescardoso@gmail.com.

<sup>3</sup>Docente nos cursos de Administração, História e Pedagogia e Coordenador Adjunto de TC em Administração da UEG - Câmpus Goianésia., Mestrando do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado da Universidade Estadual de Goiás (Teccer-UEG). dariogyn@terra.com.br